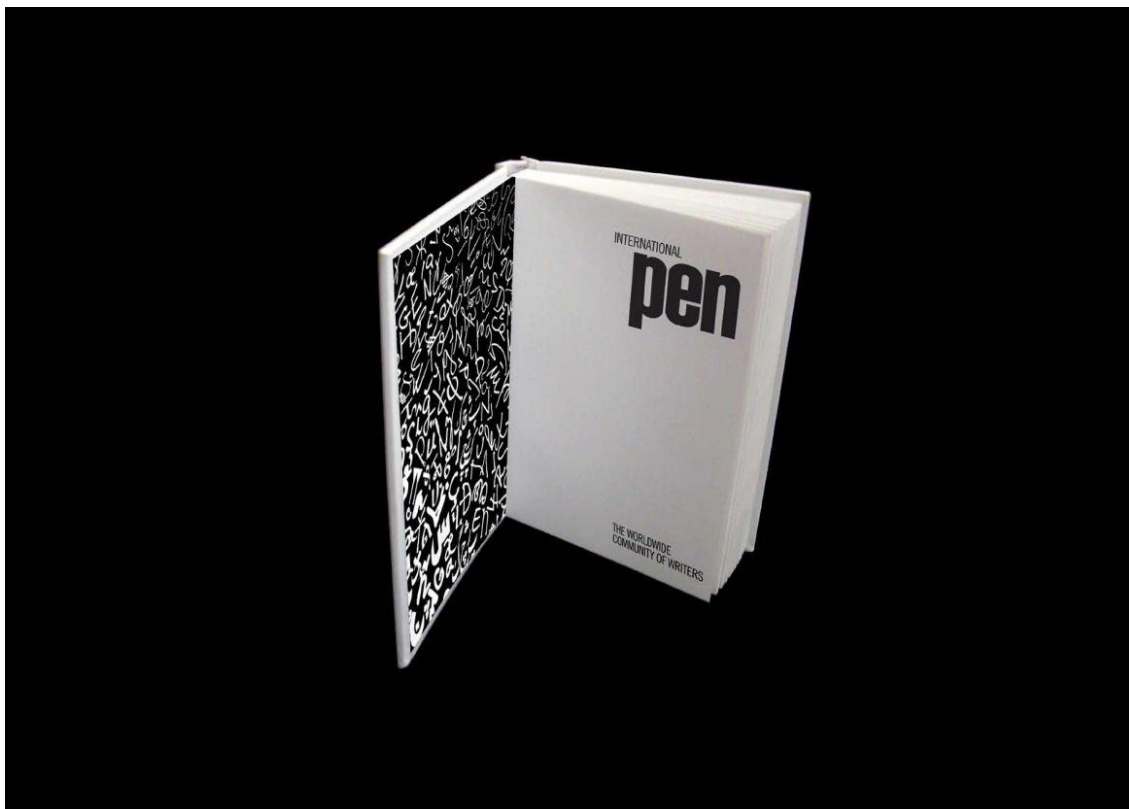


Boletim informativo

PENport 4 (Dezembro de 2011)



Teresa Salema: Os fios do possível

Quando compomos um texto, queremos ao menos ter o tempo suficiente para entretecer os fios, para corrigir o alinhamento das frases. Essa (re)descoberta da lentidão, que tanto gostamos de atribuir aos autores clássicos das eras pré-digitais, pode revelar-se uma narrativa construída para minorar uma angústia de ver envelhecido o que escrevemos, imediatamente a seguir. Quantos autores hoje celebrados viveram no limiar da pobreza, sem terem tempo de deixar a tinta secar, para trocarem, endividados, um texto de ocasião pelo abatimento parcial da coluna Deve, na loja da esquina?

Novos caminhos de escrita abrem-se-nos a cada momento e depende da nossa mão agir para além daquilo a que H. Arendt chamava de “função da Madison Avenue” ou mercantilização da comunicação. Numa conferência proferida poucos meses antes de

falecer subitamente, a autora adverte contra a busca frenética de supostas causas para um real cuja opacidade é criada por uma ilusão de transparência, de imediatidade.

Todos os meios, rápidos ou lentos, digitais ou impressos, podem e devem ser apropriados e utilizados para intensificar um diálogo plural pautado pelo espírito do PEN, esse que (re)inventa caminhos com um número escasso de fios estendidos pelo momento mas trazendo atrás de si conjuntos sempre renovados de vivências e memórias.

O presente Boletim faz uma breve retrospectiva de momentos altos do PEN Internacional (o congresso anual de Belgrado, de 12 a 18 de Setembro) e do Centro português, a atribuição dos prémios PEN, de que falaremos a seguir.

Dezembro de 2011

Teresa Salema

Prémios PEN para as obras publicadas em 2010

Realizou-se no passado dia 28 de Novembro, no Auditório Carlos Paredes da SPA, a cerimónia de entrega dos prémios PEN nas modalidades de Poesia, Ensaio, Narrativa e Primeira Obra. A cerimónia foi presidida por José Jorge Letria (Presidente da Direcção da SPA), que fez uma intervenção salientando o papel da SPA na defesa dos autores. Intervieram ainda Teresa Salema (Presidente do PEN), José Manuel Cortez (Director-Geral do Livro e das Bibliotecas) e Diogo Pires Aurélio (Assessor da Presidência da República). Foram lidos os seguintes textos, referentes ao papel do PEN e às obras premiadas, respectivamente pela presidente e pelos porta-vozes dos respectivos júris:

A tarefa de atribuição dos prémios PEN é todos os anos algo que nos enche de júbilo, como a parte visível de todo um *iceberg* que pode tornar-se por momentos num trabalho de Sísifo devido ao nosso modo de tentar corresponder ao que encaramos como o “espírito PEN”, esse equilíbrio instável de literatura e cidadania, ou seja, entre a textualidade que se recorta a partir do indizível e a discursividade de quem não pode deixar de interagir com o aqui e o agora.

Poderíamos neste momento relembrar aqueles “esforços das montanhas” de que falava Brecht referindo-se a um passado, para ele recente, de emigração e guerra, e em relação aos quais ele sublinhava que os que estavam então pela frente em meados do século passado, esses a que ele então chamou os “esforços das planícies”, seriam quiçá aparentemente menos pesados mas nem por isso menos sofisticados. Ousaria dizer que os escritores nunca deixam de confrontar-se com ambos, devido à amplitude de cenários com que deparam, no tempo e no espaço, no seu processo de criação. O espectro das

obras premiadas em 2010 é disso a mais viva prova. Dele falarão os porta-vozes dos respectivos júris.

Nesta celebração que nos junta aqui e agora, em plena consciência do peso e da importância da palavra trabalhada com a mão no mundo, e nestes tempos conturbados pelas condições adversas que conhecemos, mas também por uma histeria mediática que vive da sua ampliação quando deveria exercer uma faculdade de julgar lúcida e pedagógica, queremos dirigir o nosso mais caloroso agradecimento à instituição que sempre reconheceu o empenhamento do PEN em destacar aquelas obras e aqueles autores que se inscrevem nessa busca de equilíbrio instável que mencionámos acima. Desde 1980 até hoje, tanto o Instituto Português do Livro como a Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas nunca nos têm abandonado nesta travessia comum. Juntos, temos segurado um leme tranquilo de quem sabe que a defesa do objecto livro e da qualidade literária não pretende reproduzir polémicas estéreis sobre a maior ou menor eficácia deste ou daquele suporte textual, mas tão-somente prestar homenagem àquele indispensável companheiro que conosco interage – o livro. Juntos, temos atravessado as mais agitadas tempestades e carregado com os mais pesados fardos, nas montanhas e nas planícies.

Obrigados também à Presidência da República, que sublinha o reconhecimento dos nossos prémios. Obrigados ainda – *last but not least* - à SPA que nos acolhe com a colegialidade de sempre. A todos, e aos amigos que aqui estão para conviver conosco nesta homenagem, bem hajam.

Teresa Salema

Necrophília, de Jaime Rocha. Lisboa, Relógio D'Água, 2010. Prémio PEN Clube de Poesia em 2011

Um dos encantos da literatura reside no facto de que nela tudo é possível ocorrer sem os embaraços dos códigos de socialização dominantes. Ao assegurar um fascínio pelos mortos, o título deste livro é desde logo sugestivo de uma inclinação existencial em contracorrente de atitudes literárias dominantes. Sem dúvida que muitos dos 50 poemas que no seu interior se oferecem à leitura constituem momentos de evocação figurada da morte, quer através de desenhos temáticos a partir de vocábulos necrófilos, quer através de configurações descritivas de cenários sombrios e mesmo sepulcrais. Em vários poemas tal não é tão claro ou, pelo menos, não tão explícito, mas mesmo aí estamos sempre perante um léxico que aponta para atmosferas desprovidas de vida, escritas opacas na estranheza das suas falas. Todos os poemas obrigam o leitor a situar-se no lado mais dramático da atitude poética subjacente a este livro, a qual se pode sintetizar numa matriz de conhecimento profundamente melancólica, por vezes mesmo funérea, mas acima de tudo lutuosa ou reveladora de uma espécie de lamento diante da infelicidade de nós, seres humanos, sermos como somos.

A consequência propriamente artística deste conjunto de particularidades temáticas que acabei de referir encontra-se na notável coerência interna deste livro.

Uma tal coerência, simultaneamente narrativa e ideativa, sugere a sua integração num eventual plano literário mais geral ou, pelo menos, num registo englobante que justifique a permanência estética de uma qualquer ordem de valores literários e existenciais. Isso mesmo é confirmado pelo autor quando no final nos refere em nota que este *Necrophilia* é o último livro daquilo a que chama de Tetralogia da Assombração e que inclui os títulos *Os Que Vão Morrer* (2000), *Zona de Caça* (2002) e *Lacrimatória* (2005). Títulos e poemas de uma assombração da experiência de viver, e que este *Necrophilia* organiza em estórias de morte, em visões espectrais cuja base emocional assenta não tanto numa busca de sentido individual perante a morte, mas sobretudo numa aceitação da sua própria indefinidade e mistério.

O tom lutuoso e sombrio dos poemas de *Necrophilia* não serve para interpretar as desarmonias da existência, mas tão-só para unificar as contínuas descrições de cenas de uma dor humana que tem sempre a assinatura da morte. Fugindo ao moralismo e à tentação redentora da literatura; recusando os estafados pontos de vista do amor e da piedade, Jaime Rocha adere ao discurso do neutro para situar o impulso poético sobretudo pela observação e pela subsequente investigação do que pode ser o grande instrumento regulador da vida e da morte. O modo criativo a que passa a estar associado é o da suspensão e diferimento do sentido, enquanto o processo de representação se desloca para a suspensão da referência da linguagem, confiando ao leitor a possibilidade de inventar o próprio sentido. Recuperando o imaginário do estranho, a linguagem de *Necrophilia* torna-se indeterminada e o objeto do poema dissipa-se permanentemente numa estonteante produção de realidades a que o leitor resiste denegando este tipo de escrita ou, como no caso do leitor que aqui escreve, dela se tornando cúmplice e admirador.

Formatando o poema segundo descrições de telas reais ou imaginárias, *Necrophilia* faz-nos aceder a composições suspensas no tempo, a cortes ou negações de uma temporalidade restritiva do entendimento daquilo que me surge agora, a mim como leitor e crítico, como a aspiração à felicidade coletiva. O poema ergue-se pela imaginação dessas composições através da voz de um observador tornado narrador pela necessidade de escrever a narrativa interna de composições onde a vida só fala depois da morte chegar. Mas mesmo assim é sempre uma fala sem referência, uma fala suspensa no tempo, irreal, assente em sucessivas metáforas e imagens por onde se projetam momentos da consciência cuja relação com experiências físicas é, no entanto, totalmente irrelevante para a realidade do próprio poema.

Esta é, portanto, uma poesia de natureza complexa, profunda no alcance estético dos seus efeitos e com uma intencionalidade artística que vai muito mais longe do que a habitual junção de poemas dispersos. Mas mesmo quando comparado com conjuntos narrativos formalmente semelhantes na sua unidade temática, pelos menos os publicados em 2010, este *Necrophilia* é sem dúvida um caso singularíssimo no contexto poético nacional. Parabéns ao autor.

Manuel Frias Martins
(texto apresentado segundo as normas do AO)

PRÉMIO DE ENSAIO : ex aequo João Barrento - O género intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento e Jorge Vaz de Carvalho Sinais de fogo como romance de formação

Atribuir o Prémio de Ensaio do PEN Clube Português *ex aequo* por unanimidade, como foi o caso este ano, requer, sem dúvida, uma fundamentação sólida. Mas a solidez dessa fundamentação está, paradoxalmente, na oscilação, diria até na ambiguidade do próprio conceito de ensaio. Ou seja: na múltipla procura, diria até na errância que o ensaio estruturalmente implica. E assim poderá aceitar-se sem grande dificuldade não só a diversidade destas duas obras premiadas, mas também a diferença de percurso dos dois autores.

João Barrento, ensaísta e investigador há muito consagrado, retoma em *O género intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento* muitas das reflexões (diria mesmo obsessões, no melhor sentido do termo) anteriormente expostas noutros dos seus livros. De certo modo, num *tour de force* prodigioso, João Barrento conseguiu ultrapassá-las aqui (ou renová-las, sintetizando) pela imaginação criativa fragmentária que, na sua essência, o ensaio implica, precisamente como «género intranquilo», para referirmos o belo título do livro. Metódico mas errante, tal como ele é – e como João Barrento magistralmente vai tentando defini-lo aqui, nas duas partes do livro, intituladas «Do ensaio e do fragmento» e «Afinidades electivas». Metamorfose de muita forma de pensamento, o ensaio abarca, como muito justamente nota João Barrento, um vasto leque de tentativas de pensar, enrolando-se em si mesmo, como um feto. Nesse sentido, escreve João Barrento:

«[...]o ensaio, nas suas variantes mais livres, que, no limite, podem ir da crónica jornalística à reflexão de fundo, coloca-se [...] na situação, única e instável, de ter de *pensar o seu objecto* – à partida qualquer objecto – de forma múltipla, no interior dessa barca onde todos vamos, mas de um ponto de vista que lhe é necessariamente exterior. Porque o ensaio, para sê-lo, ensaia, com a medida de tempo e de espaço que lhe convém, formas de escrita que o levam a pensar também de forma crítica e livre o próprio campo cultural que o gera.» (p. 79)

Assim, ensaio e fragmento são aqui luminosamente relacionados, com uma rara capacidade criativa, com um fulgor da escrita que atravessa autores e textos muito variados, desde a origem, com Montaigne, a esse espantoso criador de rutilantes fragmentos aforísticos que é o francês Pascal Guignard, passando por Novalis, Musil, Wittgenstein, Walter Benjamin, Gabriela Llansol, etc. Em suma: uma viagem ensaística fascinante, que justifica plenamente a atribuição deste Prémio de Ensaio.

Atribuição *ex aequo*, como já foi referido. E *ex aequo* quer aqui dizer, de facto, muito concretamente, em igualdade de qualidades criativas. Isto porque, na verdade, o mérito

do livro de Jorge Vaz de Carvalho não é menor, embora num registo bem diferente, até pelo sentido de revelação que a atribuição *ex aequo* neste caso implica relativamente à obra já consagrada (e premiada) de João Barrento.

Registo bem diferente, dizia eu, além do mais por se tratar, na sua estrutura básica, de uma tese de doutoramento. Todavia, como muito justamente nota o orientador, Jorge Fazenda Lourenço, no prefácio, «que tudo tenha sido feito, pensado, reflectido com a elegância com que este trabalho está escrito, num português sem mácula e, para os usos hodiernos, até luxuoso, [...], o que não significa ligeireza de conceitos ou superficialidade de ideias, [...], faz desta tese de doutoramento um autêntico ensaio literário, que se lê com prazer e se estuda com proveito.» (p. 13).

No centro desta sistemática, complexa e original investigação está uma obra-prima de Jorge de Sena, o romance *Sinais de Fogo*, visto como “romance de formação”, a partir da teoria do chamado *Bildungsroman*, desde as suas origens germânicas. A longa e minuciosa análise de *Sinais de Fogo* é dupla: por um lado, a da formação do jovem protagonista (que, por acaso, se chama Jorge...) como poeta e, por outro lado, a da sua formação simultaneamente sentimental, intelectual, sócio-histórica e ideológica, isto num período dramático da história europeia em geral e da portuguesa em particular, o da deflagração da Guerra Civil de Espanha e, em Portugal, da sinistra consolidação da ditadura de Salazar, em nome de uma toda-poderosa “ordem”, tudo recriado esteticamente, mesmo quando evoca a realidade mais brutal. Assim, como nos diz Jorge Vaz de Carvalho: «O realismo integral de Sena recusa da realidade o mero espelhismo comprovativo e vai criando esteticamente, em *Sinais de Fogo*, um discurso que, no protagonista, conjuga a narrativa dos fenómenos de experiência vital com a retórica cada vez mais indagadora do processo de consciencialização desses fenómenos.» (p. 205). E, em conclusão dessa longa viagem pelos meandros da história e da consciência quer sócio-histórica quer estética do protagonista, Jorge Vaz de Carvalho leva-nos, com extremo rigor, a compreender claramente como *Sinais de Fogo* «realiza dialecticamente a superação dos contrários, que esteve na génese do *Bildungsroman*, no que ao jovem protagonista diz respeito: pelo confronto com uma situação política opressora, despótica, desequilibrada, intranquilizadora, ele ganha para a vida o sentido autonómico que, crítico do egoísmo da ignorância ou da submissão, gera a responsabilidade cívica» (p. 415). Leva-nos, enfim, à ideia central de que o romance *Sinais de Fogo* é «um *Bildungsroman* e simultaneamente um *Künstlerroman* que se integra no projecto de dinâmica crítica da Modernidade estética» (idem).

Em suma: sem dúvida por razões diferentes, tendo como têm objectivos e métodos diferentes, estas duas obras ensaísticas merecem, indiscutivelmente, a nossa admiração e enriquecem a já vasta e ilustre panóplia de ensaios premiados pelo PEN Clube Português.

Álvaro Manuel Machado

*PRÉMIO DE NARRATIVA - Pedro Rosa Mendes,
Peregrinação de Enmanuel Jhesus. Lisboa: Dom
Quixote 2010*

É com alegria que o PEN Clube Português atribui o Prémio de Narrativa de 2010 à obra *Peregrinação de Enmanuel Jhesus*. Já em 2000 o escritor Pedro Rosa Mendes havia sido premiado na mesma modalidade, com a obra *A Baía dos Tigres*. O particular interesse desta atribuição é o de vir confirmar a inequívoca qualidade literária do autor no contexto da literatura portuguesa actual.

Jornalista de profissão, Pedro Rosa Mendes foi correspondente da Lusa em Timor durante dois anos e meio, facto que o marcou indelevelmente e o levou, até há bem pouco tempo, a dizer que lhe era difícil libertar-se de Timor. A história pungente da ocupação indonésia e a luta pela libertação e auto-determinação do povo timorense são o tema deste romance polifónico, constituído por oito vozes completamente independentes e autónomas entre si. Alor é a personagem principal deste livro e é nele que toda a esperança timorense se concentra (bem como a desilusão). Em torno dos acontecimentos históricos e convocando a mitologia timorense como forma de salvar a identidade cultural de um povo, Pedro Rosa Mendes constrói uma narrativa de uma sensibilidade ímpar, atravessada pelas ressonâncias da memória colectiva de um povo que luta, não apenas por sobreviver face à ocupação indonésia, mas também pela afirmação da sua própria cultura, que ameaça extinguir-se nessa ocupação. Admirável esse périplo que o autor constrói, na forma como estrutura e organiza factos históricos a partir da memória colectiva e da própria investigação dos mitos timorenses. Foi à primeira leitura e quase sem hesitações que imediatamente a obra de Pedro Rosa Mendes se impôs ao júri como a inequívoca vencedora do ano de 2010, isto num ano em que houve outras obras de excepcional qualidade literária.

Para além da sensibilidade poética e da densidade romanesca das suas várias personagens, a inventividade dos recursos e a estratégia narrativa utilizada, a par da decisão corajosa de tomar para seu tema central um período muito doloroso da história recente e particularmente traumática de Timor, contribuíram de forma decisiva para a atribuição do Prémio a esta obra. Na verdade, uma das vertentes do trabalho do Pen Clube é política, não no sentido mais convencional da mesma, mas em sentido lato, como decisão ética ou compromisso ético com a época em que vivemos. Se a obra de Pedro Rosa Mendes convoca aqui uma tradição nobre da literatura portuguesa, a literatura de viagens, ela vem também reavivar as “feridas” da nossa história colectiva, de forma corajosa e frontal. Não para fazer desse revisitar um mero roteiro descritivo de factos ou um juízo sobre os mesmos, mas para construir um belíssimo romance que reflecte sobre o tragédia de um povo que sofreu dolorosamente a repressão bárbara dos militares indonésios e que teve a coragem indómita de lutar contra um inimigo muito mais poderoso que ele próprio.

A história é constituída por factos humanos, mais ou menos significativos, mas à literatura é concedida a capacidade de transfiguração dos factos e a possibilidade de

elevar ao sublime o valor do gesto, de consagrar o passado em memória que nos salve enquanto humanos e precários. O destino, ainda que inevitável, e refiro-me ao destino desses milhares de mortos que pereceram na luta pela auto-determinação, pode ser redimido e Pedro Rosa Mendes fez da sua escrita um olhar redentor. A literatura agradece e o PEN Clube Português reconhece, através deste Prémio, a beleza do seu gesto.

Maria João Cantinho

PRÉMIO DE PRIMEIRA OBRA - Romance : Rio Homem, de André Gago, editora Asa, Lisboa, 2010

Ao caber-me a apresentação da obra contemplada este ano com o Prémio PEN Clube de Primeira Obra – o romance *Rio Homem*, de André Gago, publicado pela editora Asa – não resisto a evocar, ainda que brevemente, o momento em que eu próprio recebi este mesmo prémio, em 2002, ano em que pela primeira vez foi atribuído.

Nessa altura, o Manuel Frias Martins, a quem coube a mesma tarefa que me cabe a mim hoje, ironizou acerca do facto de este prémio ter sido pensado como um prémio de revelação de novos autores e de, logo da primeira vez em que era atribuído, contemplar a obra de um “jovem” autor com 52 anos na altura da sua publicação, ou seja, mais 2 ou 3 que ele próprio, membro do júri. E acrescentou, cito: “Não acredito em revelações tardias. Acredito antes que todas as coisas têm um tempo para acontecer.”

Julgo que aproximadamente o mesmo se pode dizer hoje de André Gago, nascido em 1964, portanto com 46 anos aquando a sua obra *Rio Homem* foi publicada. Com efeito não se trata de um jovem autor a dar os primeiros passos na literatura, mas de alguém que alcançou, logo na sua primeira obra, uma mestria e um domínio notáveis da narrativa. E se a sua estreia no mundo das letras pode parecer à primeira vista tardia, ela revela sobretudo o grau de exigência do escritor, que não se concede a si próprio qualquer espécie de indulgência.

Fruto de uma investigação rigorosa, *Rio Homem* narra a história de um homem, Rogélio Prado, natural da Galiza, que, acossado e perseguido durante a Guerra Civil de Espanha, foge para Portugal, com a intenção de seguir viagem para os Estados Unidos, o que, por várias circunstâncias e vicissitudes, nunca acontece. Rogélio Prado acaba por refugiar-se na aldeia de Vilarinho da Furna, aldeia comunitária cuja origem se perde nos tempos e que desde 1971 se encontra submersa pelas águas de uma barragem, algures na Serra do Gerês. *Rio Homem* é o nome do rio que banhava a aldeia comunitária, mas é também uma metáfora que perpassa toda a obra de André Gago. Ela cruza a história pessoal de Rogélio, refugiado e aceite pelas gentes de Vilarinho, com a própria história colectiva de uma aldeia que guarda hoje o seu mistério nas águas da barragem. Se *Rio* pode ser visto como o símbolo do tempo e das mudanças, das variações e confluências das correntes, *Rio Homem* reenvia-nos imediatamente para esse curso secreto que habita em Rogélio e na própria aldeia. É também o rio que lava, que purifica e pacifica a

memória, como é o rio em que Rogélio há-de perder a vida, confundindo-se com a própria submersão da aldeia que o acolheu, num gesto profundamente simbólico.

Com uma estrutura narrativa muito sólida e uma notável galeria de personagens onde reconhecemos, entre outras, a figura telúrica de Miguel Torga, *Rio Homem* é uma obra que agarra o leitor. A forma como o autor conjuga o rigor dos factos históricos, fruto de uma investigação exaustiva - não apenas da Guerra Civil de Espanha, como do próprio contexto social e político do salazarismo - com a fluidez da narrativa e a força e consistência das personagens do romance é surpreendente, tanto mais quanto se trata de uma primeira obra.

Rio Homem não é apenas uma narrativa dolorosa da vida de um homem, que redescobre um novo sentido para a sua vida na aldeia de Vilarinho de Furnas. É, antes de mais, uma visão onde se lê a compaixão profunda de um autor pelas suas personagens e pelo seu destino, reconhecendo a coragem desassombrada de homens que ousaram lutar pelos ideais em que acreditavam. Ao ponto de nada temerem, nem a própria morte. E nesse sentido é uma obra de uma grande beleza, percorrida pelo sopro ético de devolver a dignidade àqueles a quem a história tirou a possibilidade de falar.

Por tudo isto, está de parabéns o André Gago por esta primeira obra.

Texto de Maria João Cantinho, com introdução e leitura de Manuel de Queiroz

Notícias do PEN Internacional O 77º Congresso em Belgrado (12 - 18.9.2011)

Sobre este Congresso, foram publicados vários textos informativos no nosso site:

“Quando a palavra nómada pousa – notas acerca do 77ª Congresso do PEN Internacional” (relatório por Teresa Salema, delegada oficial), in: <http://graphias.penclubportugues.org> (Setembro de 2011)

“Resolutions passed by the Assembly of Delegates of International PEN Meeting at its 77th Congress in Belgrade, Serbia”, (resoluções propostas pelo Comité de Escritores na Prisão, aprovadas na Assembleia Geral), in: <http://novidades.penclubportugues.org> (Setembro de 2011)

“Declaration of the Writers for Peace Committee at the 77th Congress of PEN International in Belgrade, September 2011” (declaração apresentada pelo Comité de Escritores para a Paz, aprovada na Assembleia Geral), in: <http://permanentwhisper.penclubportugues.org> (Setembro de 2011)

“Manifesto de Girona sobre os Direitos Linguísticos” (apresentado pelo Comité de Tradução e Direitos Linguísticos e aprovado na Assembleia Geral, estando a ser traduzido para numerosas línguas, aqui em versão portuguesa), in: <http://proximidade.penclubeportugues.org> (Setembro de 2011)

Textos do Tempo

Desde o início da sua implantação oficial em 1979, o PEN CLUBE PORTUGUÊS teve sempre como uma das suas principais funções o contacto com o PEN Internacional, fundado em Inglaterra em 1921, que significava para a cultura portuguesa uma porta de entrada para a pertença e o convívio com a maior organização mundial de escritores e desse modo também uma nova e poderosa abertura para o contacto com a cultura mundial que desde então se manteve com ininterrupta assiduidade.

Nos anos 80-90 do século XX, o contacto do PEN Clube Português com o PEN Clube Sueco foi particularmente intenso e frutuoso.

Em 1980 realizou-se em Estocolmo um grande encontro de escritores portugueses com escritores membros do PEN Sueco, que o PEN português retribuiu com um convite para um encontro de uma delegação do PEN Sueco com escritores portugueses, que se realizou na Casa de Mateus em 1981.

Deste estreito convívio resultou em primeiro lugar a publicação de um volume antológico da poesia sueca contemporânea em português, cuja tradução esteve a cargo de Ana Hatherly e Vasco Graça Moura com a colaboração da escritora sueca Marianne Sandels, intitulado *21 Poetas Suecos*, publicada em Lisboa em 1981 pela editora Vega.

Em contrapartida a escritora Marianne Sandels, publicou em sueco uma antologia de poesia portuguesa contemporânea, com o título *Smaken av Oceanerna*, com uma introdução de Ana Hatherly, editada pelo *Fibs Lyrikklubb* em Estocolmo, em 1982.

Na sequência destes encontros oficiais com o PEN Sueco, posteriormente fui convidada a realizar várias palestras de divulgação da cultura portuguesa na Universidade de Estocolmo e na célebre biblioteca *Carolina Rediviva* na cidade de Uppsala. Graças ao permanente contacto que mantive com Marianne Sandels e também pelo grande interesse que, através da sua ajuda, despertou em mim o conhecimento da poesia sueca, ainda em 1982 escrevi no *Jornal de Letras*, nº29, de 30 de Março uma “Apresentação do poeta Carl-Erik af Geijerstam” e já em 1992, com a ajuda de Marianne Sandels, e o a colaboração de Vasco Graça Moura, publiquei em português, uma Antologia do célebre poeta Sueco Gunnar Ekelof, (1907-1968) na Editorial portuguesa Quetzal.

O contacto com o PEN Sueco estreitou-se depois ainda mais com a atribuição do Prémio Nobel a José Saramago e até hoje manteve-se com a cordialidade de sempre.

Quanto a Tomas Tranströmer, lembro-me de ter estado ao lado dele num jantar oferecido por um magnata da imprensa sueca a um pequeno número de escritores de várias nacionalidades em sua casa, um belo chalet situado nos jardins do Palácio Real em Estocolmo.

Fomos de carro. Era de noite e estava muito frio. O caminho estava coberto de neve. Dentro da casa estava deliciosamente quente e a sala estava totalmente iluminada por brancas velas acesas. A ementa era tipicamente sueca: sopa de urtigas, bifes de rena...

Falávamos sobre os problemas da tradução. A meu lado Tranströmer, falando baixinho, dizia-me que estava preocupado com as traduções dos seus poemas, e acrescentou, sabe, agora quando escrevo um poema em sueco paro sempre para pensar: como soará noutra língua?...

Ana Hatherly

Eixos do Mundo

Leituras em Lisboa, com Don Delillo, J.M.Coetzee, Paul Auster e Siri Hustvedt

Estiveram recentemente em Portugal, no âmbito do Lisbon&Estoril Film Festival, Don Delillo, escritor premiado com o National Book Award, o Jerusalem Prize, o Pen/Faulkner Award e o PEN/Saul Bellow Award, entre outros; J.M. Coetzee, Prémio Nobel da Literatura em 2003, Paul Auster, também premiado com o Pen/Faulkner Award, e Siri Hustvedt.

Aproveitando a sua presença, a organização do Festival promoveu em Lisboa, a 10 de Novembro, no antigo e belíssimo Anfiteatro de Química do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, uma muito concorrida sessão de leitura de textos pelos referidos autores.

Após uma pequena apresentação de cada um deles pelo produtor Paulo Branco, Director do Festival, a sessão foi iniciada por Don Delillo, que leu um excerto do seu mais recente romance *Ponto Omega* (Lisboa, Editora Sextante, 2011). Seguiu-se J.M. Coetzee, com um excerto de uma obra intitulada *The Man at the Gate*, que se julga ser um inédito. Paul Auster, um visitante habitual do nosso país, leu um excerto do seu último romance *Sunset Park* (Lisboa, Edições ASA, 2010), enquanto Siri Hustvedt, sua mulher, se ficou por um trecho da sua última obra *The Summer without Men* (Nova Iorque, A Picador, 2011)

Este tipo de sessões, em que escritores partilham com o público excertos das suas obras, é muito comum nos Estados Unidos e noutros países anglo-saxónicos, mas estranhamente quase inexistente entre nós. Talvez esteja na altura de começar.

Manuel de Queiroz

Notícias do PEN

Antologias de autores do PEN

Como tem sido noticiado repetidas vezes, as três antologias bilingues, executadas pela Direcção ao ritmo de uma antologia por ano, têm sido muito bem acolhidas nos

encontros internacionais a que se destinam. Os sócios com a quotização regularizada têm direito a um exemplar e poderão adquirir mais volumes.

Forum Saramago

Continua aberto um forum a todos os centros do PEN para que os colegas em todo o mundo pudessem expressar-se sobre o nosso Prémio Nobel e escritor de dimensão universal.

Envio de textos (até 6 linhas) para geral@penclubportugues.org

Jantares de convívio

Os dois últimos jantares foram realizados no Restaurante Chaminés do Palácio, em 10 de Outubro, após a conferência de João Rui de Sousa (v. abaixo), e em 28 de Novembro, após a cerimónia de entrega dos prémios PEN. Deste último convívio entre escritores e editores, entre os quais se encontravam autores premiados e membros dos júris, ficam duas imagens.





Sessões literárias

Entre Setembro e Dezembro, tiveram lugar as seguintes iniciativas do PEN, no âmbito do ciclo A Cidade e a Escrita (org. Maria João Cantinho)

Três gerações poéticas: o que pode a poesia em tempo de crise? À conversa com Casimiro de Brito, Jaime Rocha e Ricardo Gil Soeiro - em 31 de Outubro

Poesia e Liberdade, ciclo de conferências na Biblioteca do Museu da República e Resistência (org. Maria do Sameiro Barroso)

19 de Setembro - Anna Cortils (Presidente da Associação Catalunya Apresenta)

"A poesia catalã como eixo fulcral da consciência da nação - S. XX: o século de ouro da literatura catalã."

10 de Outubro - João Rui de Sousa

"António Ramos Rosa, o poeta da liberdade livre"

7 de Novembro - Miguel Serras Pereira

"Sophia: Uma Poética Exemplar"

5 de Dezembro - António Graça de Abreu

"Traduzir os poetas da China: criação, reinvenção e fascínios."

Está prevista a publicação de um livro com os textos das conferências.

Informações

Próximas sessões a realizar pelo PEN (v. oportunamente
<http://graphias.penclubportugues.org>)

Ciclo "Debates do PEN", organizado por Teresa Salema, na Biblioteca do Goethe-Institut:

O mal-estar com o (des)acordo ortográfico, com a presença de Maria Alzira Seixo, Vasco Graça Moura, Rui Zink e convidado/a a confirmar, em 9 de Janeiro de 2012, às 19 horas

Assembleia Geral do PEN (ordinária), em 23 de Janeiro de 2012

Eleições para os novos órgãos associativos para o triénio 2012-2015 no primeiro trimestre de 2012.

Para ambas as ocorrências será enviada convocatória aos sócios no início de Janeiro, de acordo com os Estatutos e o Regulamento Eleitoral.

PEN Clube Português - www.penclubportugues.org; geral@penclubportugues.org
Campo dos Mártires da Pátria, 37 - 1169-016 Lisboa

Responsáveis por este número: Manuel de Queiroz, Maria João Cantinho, Maria do Sameiro Barroso, Teresa Salema